

VIOLÊNCIA E INCESTO EM *UN AMOURIMPOSSIBLE*, DE CHRISTINE ANGOT

VIOLENCE AND INCEST WITHIN *UN AMOURIMPOSSIBLE*, BY CHRISTINE ANGOT

Simone Vargas¹

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma análise do romance *Um amour impossible*, de Christine Angot, no que se refere à relação familiar da autora-narradora-protagonista. Os personagens postos em evidência são Rachel e Pierre que, devido à sua relação amorosa, desencadeou eventos futuros que repercutiram na vida da personagem Christine. O romance é uma narrativa autoficcional, o que significa que a autora se inspirou em sua vida para retratar situações e personagens. Para fins de análise, levou-se em conta os estudos de Hanna Arendt, para tratar a questão da judeidade, e de Marie-France Hirigoyen, para a questão da violência psicológica.

Palavras-chave: Autoficção; identidade judaica; violência psicológica; incesto.

Abstract: The current essay contains an analysis of the novel *Un amour impossible*, by Christine Angot, viewed through the references to the author-narrator-protagonist's family relations. At the center of this analysis, lie the characters Rachel and Pierre, who, due to their romantic relationship, have set in motion a series of events which affected the life of the character Christine. The novel is an autofictional narrative, which means the author took inspiration from her own life to portray situations and characters. For the sake of the analysis, the studies of Hannah Arendt were used in regards to the theme of Jewish identity, and the studies of Marie-France Hirigoyen, in regards to the theme of psychological violence.

Keywords: Autofiction; jewish identity; psychological violence; incest.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil, com período sanduíche bolsa Capes-Print na Université Bordeaux Montaigne - França. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1146-1761>. E-mail: simonevargas@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Christine Angot é uma escritora contemporânea francesa que produz uma literatura no gênero autoficcional. Além disso, a escritora apresenta posicionamentos fortes quanto à política e à sociedade (DUTEURTRE, 2017). É uma figura midiática e controversa que não escreve para agradar ao público ou à crítica. Apesar da polêmica que suas obras suscitam e das críticas contrárias — não só a seus romances, mas também a sua pessoa —, Christine Angot é considerada uma personalidade da literatura contemporânea. Para Vieira (2019, p. 221), o que está em jogo na literatura produzida por Angot é “a ideia do que pode ser matéria de literatura”. Aquilo que deveria ter ficado restrito ao privado, Angot lança para o público. É o que observa Amaral (2018, p. 730), que considera não haver coincidências nos romances de Angot, uma vez que se enquadra “[...] em vários casos de uso de materiais biográficos na ficção. Por transmutar quase tudo que vive em ficção, dando nome e características a personagens fictícios que são facilmente rastreáveis na vida real [...]”. Em vista disso, “A autoficção de Angot, como veremos, também se arvora o direito de cravar no real o valor ontológico do nome como fonte de fruição estética, encontrando, na provocação ética, seu norte literário” (VIEIRA, 2019, p. 221).

Sua produção literária já conta com mais de vinte livros que, em geral, seguem essa linha autoficcional. Ela já ganhou os seguintes prêmios: *Les Désaxés et une partie du cœur*, prêmio France Culture, em 2005; *Rendez-Vous*, prêmio de Flore, em 2006; *Un amour impossible*, prêmio Décembre, em 2015. Além desses, Christine Angot foi condecorada como *officier de l'ordre des Arts et des Lettres* pelo Ministério da Cultura e Comunicação da França em 2013.

Un amour impossible, objeto de análise deste artigo, foi publicado em 2015, sendo adaptado para um filme homônimo em 2018. Segundo a própria autora, como outros romances, esse também faz parte de sua biografia, em que os personagens são inspirados em pessoas reais. O romance causou polêmica

na França devido à denúncia de abuso sexual que seu pai lhe infringiu na adolescência. Ela também escreveu outros romances que abordam o tema do incesto, como *Léonore, toujours* (1994) e *L'inceste* (1999).

2 O GÊNERO AUTOFICÇÃO

O romance *Un amour impossible* é considerado pela crítica como autoficção. Em entrevistas, a autora admite que as personagens são inspiradas em seus pais (ANGOT, 2015b, 2015c) a partir da percepção que ela tem deles. Portanto, ela utiliza suas memórias, mas as coloca num plano ficcional, de forma que parece contar a história de outra pessoa. Contudo, os acontecimentos familiares ocorridos antes de seu nascimento, e até alguns anos depois, são produto do seu imaginário, configurando-se em construção romanesca, ou seja, ela faz a fabulação de si e dos outros personagens. Isso corrobora o que Figueiredo (2020, p. 240) compreende como a escritura autoficcional:

Para escrever autoficção, como para escrever romance, é preciso pensar na arte da composição narrativa, e isso só se consegue com artifício, portanto, não se pode pensar em restituir “toda a verdade” do acontecimento porque o acontecimento pertence ao domínio do vivido e a escrita literária pertence ao domínio da linguagem.

Quanto à estrutura, *Un amour impossible* mantém-se próximo do gênero romance: apresentação de espaço-tempo, personagens principais e secundários, discurso direto etc. Desde as primeiras páginas, a fronteira entre narradores de primeira e terceira pessoa é difusa, pois se reconhece a narração auto diegética pelos pronomes possessivos (“mon père”; “ma mère”). Por estes que é possível identificar que a narradora conta sua própria história de vida, antes mesmo de seu nascimento:

Mon père et ma mère se sont rencontrés à Châteauroux, près de l’avenue de la gare, dans la cantine qu’elle fréquentait, à vingt-six ans elle était déjà à la Sécurité Sociale depuis plusieurs années, elle a commencé à travailler à dix-sept ans comme dactylo dans un garage,

lui, après de longues études, à trente ans, c'était son premier poste.
(ANGOT, 2015a, p. 5).

Entretanto, mescla com uma narração em terceira pessoa, ao apresentar o que os pais faziam e diziam. Há situações que ela testemunhou, outras, não; portanto, há muito da dimensão criativa e da realidade entrecruzada com suas memórias. Nessa mistura, que mantém difusas as fronteiras entre a ficção e o real devido ao caráter biográfico da narrativa, a inclusão das cartas originais e a transcrição do documento *reconnaissance de avant naissance* também contribuem para dar um efeito de real ao romance.

No século XX, Barthes (2004) denominou de *efeito de real* a inclusão de elementos extraliterários que faziam referência ao real empírico. Para exemplificar seu conceito, ele se utiliza da descrição de um cômodo em um dos contos de Flaubert, onde destaca um barômetro sobre um piano, que, em princípio, não deveria estar ali. Numa composição selecionada e ordenada, em que cada objeto e móvel deveriam ter uma função na estrutura realista, para Barthes, o barômetro é excesso de real na composição estética de uma sala burguesa do século XIX. Em vista disso, a introdução do registro documental extraliterário reforça o hibridismo no romance de Angot, que condiz com o gênero autoficcional.

Para a introdução de Angot-narradora-personagem, foi necessário um evento na trama romanesca. Seus pais se conheceram em 1958 e, um ano depois, a narradora-personagem fez sua estreia, como se verifica pelo pronome “Je” no excerto a seguir: “Le lendemain, j'étais dans la chambre avec elle. Elle se félicitait d'avoir choisi cette clinique plutôt que l'hôpital qui n'avait pas bonne réputation, on ne s'en serait sortie ni l'une ni l'autre”(ANGOT, 2015a, p. 30).

A homonímia, que faz com que se caracterize como autoficção, ocorre quando a menina, nos braços de Rachel, é identificada pelo nome de Christine. Nesse momento ocorre a fusão da narradora com a personagem. Esta, no início,

não terá um protagonismo, considerando que se trata de uma criança. No entanto, no decorrer da narrativa, à medida que cresce, ela passará a desempenhar um papel de maior expressão. No final do romance, a personagem Rachel mencionou ter feito a leitura de dois romances de Christine Angot: *Le marche dès amants* e *Libération*, o que reforça a homonímia autor-personagem.

A personagem Christine é apresentada em diferentes fases de seu desenvolvimento. Portanto, quando criança, ela terá um comportamento infantil; adolescente, as crises próprias da idade somadas à violação; adulta, os conflitos gerados pelo trauma recalcado. Segundo Joël Zufferey (2012, p. 5),

Mais les définitions proposées [pour le genre autofictionnel] varient et l'on ne cesse de les renouveler. Certains affirment, par exemple, qu'elle est la version post-freudienne de la représentation discursive de soi. Pour qui lui prête cette origine, l'autofiction est née d'une perte, celle du jugement lucide et désintéressé du sujet aux prises avec son passé. On la proclame alors avatar moderne de l'autobiographie, genre à jamais ruiné, puisque frappé d'une suspicion qui mine la sincérité sur laquelle il repose. D'autres y voient plus de neuf: l'autofiction est alors une invention postmoderne. [...] Envisagée dans ce contexte culturel, l'autofiction constitue un genre d'écriture réflexive affecté par la résiliation postmoderne du réel, à la limite par l'abolition de toute donnée transcendante au langage. Affirmer sur soi ne semble plus guère possible, et la description rétrospective du sujet s'avère au mieux un « jeu de langage ».

Nessa perspectiva, pode-se pensar que, ao narrar sua história de vida, a autora também está curando suas feridas emocionais. Ela pode criar uma versão de si — um avatar — que já não é mais ela, mas um outro que permitirá ver a situação com distanciamento. A partir da linguagem, ela pôde falar sobre o ocorrido, misturando ficção com a realidade. Dessa forma, a reconfiguração da identidade, como estratégia narrativa para caracterizar cada fase da vida da protagonista, é importante para o desenrolar das ações e dar verossimilhança à história.

3 OS PERSONAGENS

No gênero autoficção, em geral, as personagens são inspiradas em pessoas reais. Além disso, Angot aproveita experiências suas compartilhadas com outras pessoas, como material literário — o que já lhe rendeu polêmicas e processos judiciais. Em vista disso, durante a divulgação d’*Un amour impossible*, alguns entrevistadores lhe perguntaram sobre as intimidades expostas a respeito de sua mãe no romance (ANGOT, 2015b, 2015c). A escritora afirma que, embora tenha existido de fato, Rachel é apenas um personagem.

Conforme Beth Brait, a caracterização das personagens — não importa o quanto se assemelham ao modelo “real” é construída a partir do que melhor se ajusta ao projeto de escritura do autor. Além disso, é papel do narrador conduzir o leitor “por um mundo que parece estar se criando à sua frente” (BRAIT, 2017, p. 74), especialmente quando se trata de um narrador-protagonista, em que se agrega duas instâncias narrativas. Desse modo, Angot-narradora cria uma ambientação e dá vida a um universo do qual está fora e dentro ao mesmo tempo.

Para fins de análise, interessa apresentar neste artigo as personagens Rachel e Pierre. O conflito entre mãe e filha, do qual trata o romance, tem suas raízes no passado dos pais, de modo que as situações vivenciadas por Christine são consequência da relação conflituosa dos pais antes mesmo de sua concepção.

A classe social e a origem são fatores importantes para que Christine-criança tenha o amor paterno e seja reconhecida oficialmente. No final do romance, Christine-adulta interpela Rachel sobre o incesto e o complexo de inferioridade que a mãe desenvolveu devido a suas raízes judaicas e sua classe social:

Tu veux que je te dise vraiment comment je vois les choses ? Je suis sûre de ce que je dis. Tu peux ne pas être d’accord. Mais moi je suis sûre. Vous apparteniez à deux mondes différents, étrangers l’un à

l'autre, en tout cas c'est comme ça que les choses ont été posées dès le départ. Et tu as accepté qu'elles soient posées comme ça. Parce que tu étais seule, parce que tu étais pauvre, parce que tu étais juive. (ANGOT, 2015a, p. 115).

A retrospectiva temporal, adotada por Angot-narradora, parece um recurso narrativo para apresentar o caráter dos pais e justificar os acontecimentos posteriores. Isso corrobora a afirmação de Brait (2017, p. 73) quanto às personagens: “quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, [...], a materialidade desses seres só pode ser atingida por meio de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos”.

Em vista disso, os personagens Pierre e Rachel, embora sejam inspirados em pessoas reais, são apresentados pelo ponto de vista de Angot-narradora num jogo de linguagem. Deste fazem parte as cartas que Pierre enviou à Rachel, e, a partir delas, dá para se ter uma pequena dimensão de seu caráter. Nas primeiras cartas ele se mostrou atencioso e interessado no que sucedia à Rachel e sua família. A indagação sobre a sua rotina diária parece ser uma preocupação genuína. Ele dispensava à Rachel um tratamento carinhoso, como confirma os vocativos “Ma chère Rachel” e “Ma grande fille” na abertura das cartas.

Percebe-se que as cartas são respostas a outras que ela lhe enviara, porque ele tocou no assunto da relação de Rachel com o seu pai judeu. Ao aconselhá-la como proceder, infere-se que ele tinha uma real preocupação com a relação dela com o pai, mas voltada para a questão financeira. Ele a incentivou a aproximar-se do pai para se beneficiar economicamente, algo que ela refutou.

No entanto, quando ela o comunicou por carta sobre sua gravidez, o tom das cartas de Pierre mudou. As cartas eram curtas e frias. Ela o informou que estava grávida de um filho dele, e o máximo que ele lhe respondeu é que deveria cuidar da saúde, não havia mais o carinho que expressou nas cartas anteriores.

Além disso, ele se mostrou insensível à situação dela, pois, enquanto ela levava uma gravidez sem esposo na década de 1960, ele lhe enviou um cartão postal com a Pietà, de Roma. Talvez ele lhe quisesse dizer mais além do que constava na carta, visto que a Pietà é uma representação de uma mãe com o filho (Jesus) morto nos braços.

Infere-se que os sentimentos de Pierre por Rachel não estavam relacionados com amor, embora no início as cartas enviadas fossem mais longas e afetuosas — como demonstra o conteúdo, em especial, os vocativos: “Ma grande fille”, “Ma chère Rachel”; depois que soube da gravidez, a saudação mudou para um “Chère Rachel”, de modo que, por meio dos vocativos, ele impõe um distanciamento.

A correspondência posterior não mais apresentou o tom carinhoso que havia nas primeiras cartas e tratava somente de questões que envolviam Christine. Após uma viagem que fizeram juntos à Côte d’Azur, no início da gravidez, eles não se viram mais até os 4 anos da menina.

4 QUANDO A ORIGEM ATRAPALHA

A narrativa inicia no período histórico do pós-guerra, em 1958. Rachel Schwartz era uma jovem de 26 anos que trabalhava no Seguro Social como secretária, na cidade de Châteauroux, quando conheceu Pierre Angot. Ela morava com a mãe e a irmã, e não tinham posses. A moradia denunciava a condição financeira em que viviam. Embora não comentasse as condições da moradia, ele reparava.

Pierre, por sua vez, provinha de uma família francesa que vivia em Paris há gerações, bem colocada socialmente. Embora não fosse um homem bonito para a época, era culto e sedutor. Seu conhecimento e a forma amável como a tratava a fizeram apaixonar-se por ele: “Il s’arrêtait au milieu d’un sentier, la

regardait, et soulignait la singularité de son intelligence, en amoureux et en expert, il parlait d'elle avec la même passion que d'un auteur qu'il admirait." (ANGOT, 2015a, p. 7). Ademais, devido a seus conhecimentos de idiomas, ocupava o cargo de tradutor na base americana de La Martinerie. Era considerado um bom partido.

O pai de Rachel era um judeu nascido em Alexandria, no Egito. O pai voltou para o Egito em 1935 e retornou à França somente após a guerra devido à ocupação alemã. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), era extremamente perigoso para um judeu permanecer na França. Grande parte dos que não emigraram foi levada para os campos de concentração (HOBSBAWM, 1995). Assim, é compreensível que o pai de Rachel não estivesse presente durante sua infância, e ela tivesse expectativas sobre a relação pai-filha. Ela foi revê-lo já com 13 anos, portanto, uma adolescente. Com o fim da guerra, seu pai retorna à França; contudo, ao invés de amoroso e compreensivo, a atitude paterna foi de crítica e desaprovação, por ela não corresponder com o que ele esperava. Inclusive a compara com seus sobrinhos, e chega à conclusão de que não irá apresentá-la a sua mãe porque se envergonhava da filha.

Rachel era fruto de uma união legítima porque ela e sua mãe levavam o sobrenome Schwartz. No entanto, Angot-narradora não fez menção à origem de sua avó materna, por isso se infere que ela fosse francesa. No romance também não há menção se a personagem praticava algum ritual judaico, como o Sabah e o Pêssach, por exemplo, o que se infere que não praticasse o judaísmo. Mesmo não professando a religião e tradição judaica, ela carregava um sobrenome que, naquela época, representava mais um fardo do que uma segurança.

Devido ao nome Schwartz, ela e sua mãe sofreram perseguições e humilhações. Quando pequena, durante a ocupação da França, uma vizinha, amante de um militar alemão, ameaçou denunciá-las. Assim, além da extrema pobreza no período de guerra, viviam em constante tensão com medo de serem

entregues aos nazistas. Mesmo no pós-guerra, Rachel, quando foi trabalhar em Reims, teve de suportar o sarcasmo de uma colega de trabalho que havia competido pelo posto de chefia com ela, mas o perdeu para Rachel:

Il y avait tous les jours un désaccord, un refus de faire ce qu'elle demandait, une arrivée sans dire bonjour, un départ sans dire au revoir, un propos désagréable et même une fois dans un couloir une remarque sur sa judéité lancée à la cantonade.

— Rachel Schwartz, *c'est pas un nom juif ça !!??* (ANGOT, 2015a, p. 71).

A observação da colega de Rachel demonstra que, mesmo com o acontecimento que, de certa forma, abalou a fé na espécie humana, ainda havia resquícios de antissemitismo nos anos 1970. De acordo com Arendt (2012, p. 20), mesmo na Idade Média, “a causa da violência aos judeus era política e econômica, e não religiosa”.

O estereótipo de que os judeus são ricos comerciantes também está presente no romance, quando Pierre indaga Raquel sobre a situação financeira de seu pai. O interesse de Pierre por Rachel não foi somente amoroso; mas ele demonstra preocupação com questões econômicas.

Na época (e hoje ainda) tem-se a ideia de que os judeus são pessoas que gozam de boas condições econômicas. Trata-se de um estereótipo que foi construído através dos séculos, e tem origem na prática do comércio, única atividade permitida aos judeus para exercerem nos países em que se instalavam; isso antes da emancipação dos judeus no final do século XVIII. No século XIX, muitos judeus tornaram-se banqueiros devido à prática da usura; mas, após a Primeira Guerra Mundial, poucos judeus mantiveram algum dinheiro. Conforme Arendt (2012, p. 41), “[...] as comunidades judaicas já não eram financeiramente organizadas e, embora alguns judeus em altas posições ainda representassem aos olhos do mundo gentio o povo judeu como um todo, havia pouca ou nenhuma realidade material nesse fato”.

Se Rachel fosse rica, ele teria conduzido a relação e a aceitação de Christine de outra forma, como Pierre mesmo assevera a ela de forma franca:

Ils ont eu une dernière conversation dans le train.

— Si tu avais été riche, j’aurais sûrement réfléchi.

— Ah bon...

— J’aurais réfléchi. Oui. C’est vrai. Je suis franc. Avec toi je l’ai toujours été. Je ne t’épouserai pas, je te l’ai toujours dit. Et... on était d’accord pour faire cet enfant. (ANGOT, 2015a, p. 27-28).

No entanto, judia e pobre eram condições que dificilmente sua família aceitaria. Naquela época, uma mulher na situação de Rachel não era um bom partido para uma relação oficial, de modo que ter um filho sendo solteira somente tornava sua vida mais difícil. Ele sabendo disso, e consciente de que não a esposaria, a convenceu de gerar um. No caso de Christine, a situação seria pior, pois não ter a paternidade reconhecida era um opróbio para o indivíduo, porque em seus documentos constaria a informação de pai desconhecido.

5 MÃE SOLO

A história de Rachel, de certa maneira, reproduz a sina das mulheres de sua família. Embora sua mãe fosse reconhecida como senhora Schwartz, ela criou as filhas sozinha, pois as duas visitas anuais que o pai de Rachel lhes fazia não podem ser consideradas como uma presença masculina em casa. A sua irmã era filha de outro homem que faleceu durante a guerra. Ou seja, três mulheres vivendo sozinhas — sem uma figura masculina para protegê-las — numa época em que isso não era aceito pela sociedade.

Durante a gestação, Pierre se manteve ausente, exceto pelas cartas que enviava informando sobre suas viagens de férias e seu trabalho. Rachel enfrentou sozinha a situação de ser uma mulher solteira e grávida numa cidadezinha no interior da França, em 1958. O único apoio era o de sua família

e da colega de trabalho. Nos primeiros anos de Christine, Pierre acompanhava o crescimento da filha por fotografias. É devido à presença da filha em sua vida que Rachel pôde suportar o afastamento de Pierre.

A partir de uma certa idade, Christine observou que, enquanto as mães das outras crianças passavam o dia em casa — pois o homem era o arrimo da família — e buscavam os filhos na saída da escola; Rachel, como não era casada, ainda estava no trabalho. Em vista disso, pode-se concluir que a família de Christine não era convencional para a época, destoando das outras famílias. Assim como sua mãe fizera, Rachel criou Christine sozinha, pois as visitas de Pierre, durante a infância de Christine, resumiram-se a duas. É quando Christine está com 13 anos que as visitas de Pierre se tornaram frequentes.

É nessa ocasião que Rachel pressiona Pierre para reconhecer a paternidade; para ela, era crucial, porque Christine seria vista de outra forma pela sociedade. Além disso, isso possibilitaria a alteração do sobrenome judeu para um francês, Angot, e a possibilidade de ter todos os direitos da paternidade reconhecidos judicialmente. Para Rachel, era importante que a filha tivesse os mesmos direitos que os filhos legítimos de Pierre. No entanto, depois de tudo acertado para o reconhecimento, ele se arrependeu de reconhecê-la, mas Rachel, que sempre se mostrou passiva diante das imposições dele, dessa vez insistiu até conseguir o reconhecimento de Christine:

— Si, justement. Tu trouves ça juste toi que Christine entre dans la vie avec « né de père inconnu » comme état civil. Toute sa vie il faudra qu'elle porte ça. Alors que tu as la possibilité de la reconnaître. Que tu es là, que tu es venu pour ça. Parce que tu es son père. Pourquoi est-ce que tu recules ? [...].

Ils ont discuté une bonne partie de la nuit. Le lendemain ils sont allés à la mairie de Châteauroux, et la mention « née de père inconnu » a disparu de mon acte de naissance. (ANGOT, 2015a, p. 70).

Rachel não exigia as coisas para si. Aceitou as imposições de Pierre sobre manter uma relação “moderna”, tendo relações sexuais sem um compromisso

oficial, e até engravidou porque ele lhe pediu. O poder que ele tinha sobre ela era tanto que chegou a propor, caso ela se casasse, de manterem a relação. No romance, há indícios de que foi ele quem decidiu pelo nome Christine. Embora se dissesse não religioso, escolheu um nome com referência expressa ao cristianismo, sendo que sabia da identidade judia de Rachel.

6 UM RELACIONAMENTO ABUSIVO?

Na ficção, as etapas de uma relação amorosa são representadas, de modo que é possível acompanhar sua evolução para um desfecho que seria o esperado num relacionamento padrão para a época. Eles se conhecem num baile, passam a se ver com certa frequência, fazem planos futuros— até planejam ter um filho —, exceto pelo fato de Pierre não querer se casar. Sua justificativa era que prezava por sua liberdade, e não gostava de se prender às convenções; porém, como se casou alguns anos depois, tratava-se de um falso argumento.

No entanto, Pierre buscava convencê-la de morar em Paris, visto que ele pretendia se instalar na capital, o que manteria Rachel afastada da própria família. Ele nem pretendia morar com ela. Depois de saber da gravidez, ela permaneceu em Châteauroux junto à mãe, o que frustrou os intentos de Pierre. É por intermédio da narradora que se sabe o que pensava Rachel sobre não ter ido morar em Paris e as consequências caso tivesse ido:

Elle ne regrettait pas d'avoir décliné la proposition de vivre à Paris. Rétrospectivement elle mesurait l'erreur qu'elle avait failli commettre. Qu'aurait elle fait là-bas, seule avec moi dans une petite chambre, avec lui qui serait venu la voir de temps en temps, sans la présenter à ses parents, sans l'épouser, sans lui offrir aucune stabilité, aucune protection, aucun environnement social, alors qu'elle aurait été dans un lieu inconnu, sans aide, sans soutien ? (ANGOT, 2015a, p. 32).

Rachel teria estado totalmente à parte na sociedade parisiense, em isolamento social, visto que não teria nenhum apoio de Pierre. Nesse momento

é possível se ter uma dimensão, na ficcionalidade, de como se apresenta um relacionamento abusivo na vida real. No pensamento do senso-comum, um relacionamento somente é considerado abusivo quando há violência física. Contudo, conforme os resultados que a psiquiatra Hirigoyen (2006) chegou a partir de estudos sobre a violência entre casais, antes de haver a violência física, já existe a psicológica. Este tipo de violência é mais difícil de a mulher reconhecer de que está sendo vítima, porque não há agressão física. Além disso, pode se apresentar de forma explícita ou velada, por meio de constrangimentos, humilhações, manipulação, isolamento etc.

A franqueza de Pierre também era uma forma de impor a sua vontade, pois deixava Rachel numa situação em que não poderia fazer cobranças. Com a desculpa de ser franco com Rachel, fazia e falava coisas que a humilhavam e a magoavam. Assim ocorreu quando expunha sua opinião sobre a questão judaica e quando se casou. Sempre que tinha oportunidade, ele afirmava a Rachel que se manter solteiro era uma questão de convicção — nunca se casaria. No entanto, tão logo apareceu alguém que se igualasse à posição social de sua família, ele se casou. A escolhida foi uma alemã, filha de um médico. Ele não esconde de Rachel sua felicidade por desposar uma mulher de origem alemã:

Il lui a décrit sa femme.

— Blonde. De taille moyenne. Les yeux bleus. De très beaux cheveux. Elle est allemande. Très jeune. Elle est née à Hambourg. Son père est médecin. Elle est enceinte, il a fallu qu'on se marie très vite. Je vais avoir un enfant. Je ne pensais pas l'épouser, tu connais mon point de vue. Mais son père a été très convaincant, et au fond je suis très heureux. Em particulier d'épouser une Allemande. (ANGOT, 2015a, p. 42-43).

Pierre não teve nenhuma sensibilidade ao contar sobre o seu casamento. Pelo contrário, ao descrever os dotes físicos e econômicos da moça, somente faltou dizer a Rachel que a outra tem tudo o que ela não tinha: boa origem, posses e status social. Além disso, assumiria a outra porque estava grávida;

quando Rachel esteve na mesma condição, ele não quis assumir um compromisso nem a responsabilidade, visto que não queria reconhecer a filha. Todavia, pretendia mantê-la como amante:

Après, il a essayé de la caresser. Elle l’a repoussé. Il a insisté. Il lui a dit qu’il n’avait pas les mêmes rapports avec sa femme, qu’il n’était pas tendre de la même façon. Elle n’a pas cédé. Il était tard. Elle l’a laissé dormir à la maison. Mais au petit matin :

— Maintenant, tu t’en vas ! (ANGOT, 2015a, p. 42).

Ele brincava com seus sentimentos e não perdia a oportunidade de manipulá-la. O que a deixava confusa em relação às suas próprias ações: “Elle a pensé qu’elle s’était mal comportée. Qu’elle avait une part de responsabilité dans la tournure que les événements prenaient.” (ANGOT, 2015a, p. 29). O estado de vulnerabilidade pelo qual a mulher passa num relacionamento abusivo afeta sua capacidade de discernimento entre uma relação saudável e uma tóxica, acaba por se culpar pelos problemas da relação, duvidando do que sente e vive (HIRIGOYEN, 2006).

Com o nascimento da filha, não foi somente ele quem mudou. Embora ainda gostasse de Pierre, as atitudes de Rachel para com ele mudaram quando ela passou a defender os direitos de Christine. Uma vez que uma de suas cartas retornou porque Pierre havia se mudado, Rachel foi com a filha até Paris e se apresentou ao pai dele solicitando o reconhecimento da paternidade à criança. Logo Pierre a informou sobre seu novo endereço. Esse evento não condiz com o comportamento passivo que a personagem havia manifestado até então, o que se configura como uma fuga do controle que ele tinha sobre ela.

Alguns anos depois, ao expulsá-lo do apartamento, confirma-se que ele não tinha mais poder sobre ela, o que pôde ter suscitado os eventos que ocorreram entre pai e filha. O perfil dos agressores indica que eles não gostam de ser contrariados, muito menos perder o domínio sobre suas presas. A

tendência é punir a mulher que luta contra o seu controle ameaçando ou causando sofrimento àqueles que ela ama (HIRIGOYEN, 2006).

Nesse sentido, é possível pensar que as ações de Pierre quanto à sedução da própria filha tenham sido premeditadas. Depois do reconhecimento da paternidade, Pierre participou mais da vida de Christine, as situações de abuso se davam durante os passeios frequentes aos finais de semana. À medida que o relacionamento com o pai parecia se estreitar, Christine se afastava da mãe. Durante três anos, Pierre abusou da própria filha, sendo que Rachel descobriu por intermédio de um amigo. A partir desse momento, já com 16 anos, Christine se afasta do pai. Um sentimento de culpa contra a mãe toma forma em sua fase adulta. A reconciliação entre ambas ocorre muitos anos mais tarde, quando Christine, ao fazer a retrospectiva da situação, chega à conclusão de que as diferenças sociais e identitárias dos pais motivaram os acontecimentos.

7 RELAÇÃO MÃE-FILHA

Com a morte de sua mãe e a irmã tendo sua própria família, Rachel era a única responsável pela educação de Christine. Durante treze anos, mãe e filha mantiveram-se bastante próximas. Rachel vivia em função da menina. Estavam sempre juntas, faziam planos para o futuro e havia muita confiança entre elas:

Je lui racontais tout ce qui m'arrivait. Toutes les idées que j'avais. Toutes les pensées qui me traversaient. Le soir après le dîner, elle se massait les mains avec de la crème, assise sur le fauteuil en velours de ma grand-mère, elle me parlait d'elle, ce qu'elle ressentait, ses rêves, les projets qui ne se feraient peut-être jamais, les images qui la hantaient. (ANGOT, 2015a, p. 50).

No entanto, Pierre conquistou a confiança de Christine que, fascinada pela personalidade e cultura do pai, afastou-se da mãe. Rachel, vendo a alegria de Christine em ter a atenção paterna, deixou que a filha se distanciasse; no entanto, isso não foi bom para elas.

Pierre, quando as visitava, levava-as a bons restaurantes e demonstrava seus conhecimentos a Christine— em suma, apresentava-lhe uma vida que Rachel sabia que não tinha condições de proporcionar à filha. A companhia de Pierre aflorou o sentimento de inferioridade de Rachel: “Ma mère a commandé son plat avec une fausse assurance. Sa voix passait du fort à l’inaudible. Et sur tout ce qu’elle disait un point d’interrogation semblait planer.” (ANGOT, 2015a, p. 65). No início, Rachel participava dos passeios, mas logo Pierre passou a buscar Christine na escola, nos finais de semana, e iam diretamente passear retornando no dia seguinte. Nesses dias, Rachel ficava sozinha.

Embora Rachel também sofresse com o fato de estar se adaptando a um novo trabalho — onde era hostilizada —, o que mais a incomodava era o distanciamento da filha. A relação mãe-filha que antes era de companheirismo mútuo passa a ser conturbada. A proximidade entre pai e filha afeta o relacionamento com a mãe. A situação passa a se refletir no corpo de Rachel, que definhava, e em seu psicológico. Isso é possível verificar pela perda de peso e os sintomas de depressão, como observa Angot-narradora: “Elle n’arrivait pas à reprendre de poids. Elle dormait mal. Elle reconnaissait qu’elle donnait des signes de dépression. Elle avait l’air triste, et la voix calme.” (ANGOT, 2015a, p. 78).

O fato de Christine estar na fase da adolescência acaba por ser uma justificativa para o seu comportamento rebelde, o que se torna uma “cortina de fumaça” para aquilo que realmente acontecia nessa relação familiar.

Se Pierre exercia sua influência intencionalmente para afastar mãe e filha, a fim de castigar Rachel, não é possível afirmar. No entanto, a sua reaparição, seu charme, sua condição social representavam tudo o que Rachel não era, e o que Christine desejava ser. Isso causou um sentimento de culpa em sua mãe, que se viu numa competição desleal para reaver seu lugar na vida da filha. Com a omissão da mãe, que, por seu sentimento de inferioridade, aceitou

passivamente o afastamento de Christine, Pierre passou a exercer o mesmo domínio sobre a filha.

No romance, a narradora faz uso de algumas metáforas para tratar dos assuntos delicados de forma figurada, como a representação do pássaro aprisionado. Durante os passeios de final de semana, Pierre e Christine se hospedavam no hotel de La Paix, onde havia uma imensa gaiola com vários pássaros. Não é a única vez em que um pássaro aprisionado aparece no romance. Durante a fase da conquista de Rachel, a figura de um pássaro preso nas mãos de Pierre é subentendida.

Por essa metáfora, pode-se inferir que mãe e filha seriam presas que sucumbiram ao charme de Pierre, sendo que a relação com Christine tem o agravante de ela ser adolescente e sua filha. Quando Rachel descobriu o abuso sexual que o pai impetrou à filha, já haviam se passado três anos de abusos constantes. A forma como a culpa se manifestou em Rachel foi através de uma infecção tubária, no órgão do aparelho reprodutivo feminino, o que demonstra o sentimento de fracasso que Rachel sentiu em seu papel como mãe.

Foi Christine quem tomou a iniciativa de romper com seu pai, o que ela fez por meio de uma carta, a qual Pierre respondeu:

Christine,

J'ai toujours appliqué ta volonté, et respecterai ta nouvelle décision. Ce que tu as raconté à ta maman est grave, c'est un coup de couteau que tu plantes dans mon coeur et je vais devoir me remettre de cette blessure. Ma déception est à la mesure de la joie que j'ai eue à te rencontrer, faire ta connaissance a été un grand bonheur, mais j'éprouve aujourd'hui le sentiment de m'être trompé sur toi. Tu te rendras compte, sans doute plus tard, de la douleur que tu m'infliges.

Je souhaite néanmoins que la vie se conforme à tes désirs. (ANGOT, 2015a, p. 88).

Nessa carta, Pierre revela seu lado manipulador, pois se coloca como vítima da situação da qual ele é o único culpado; ou seja, procura inverter os

papéis: “Quando o agressor percebe que a criança começa a entender como abuso ou, ao menos, como anormal seus atos, tenta inverter os papéis, impondo a ela a culpa de ter aceitado seus carinhos.” (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005, p. S199).

Com a ruptura definitiva com o pai, parecia que a pior fase havia passado, mãe e filha mantinham um relacionamento amigável, um pacto familiar de silêncio havia sido instaurado. No entanto, o fato de ter passado pela violência sexual deixou Christine traumatizada, o que perturbou seus relacionamentos. A mãe de tempos em tempos tinha crises de choro e melancolia. Em vista disso, o que sucede a ambas é um referencial do que ocorre na realidade, como confirmam os estudos sobre as vítimas de violência sexual que predizem que as lesões emocionais, se não tratadas, deixam marcas definitivas (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Com a morte do pai, Christine se afastou novamente da mãe. O trauma não foi tratado, elas nunca conversaram sobre o assunto, e a morte fez com que as feridas fossem reabertas.

No final do romance, após anos de rejeição, Christine e Rachel aos poucos retomaram a afeição perdida. Iniciou-se uma intensa correspondência entre elas, visto que habitavam em cidades distantes. Nesse momento, na narrativa, as cartas de Rachel foram introduzidas no romance, assinadas como “ma mãe”. No começo elas tratavam sobre o cotidiano de Rachel e os problemas de saúde de seu companheiro: André; na última carta transcrita no romance, Christine aprofundou a questão sobre os sentimentos de Rachel para com Pierre. É possível inferir que esse interesse foi motivado pela escrita de seus livros, talvez mesmo para *Un amour impossible*. As cartas que Christine enviou para a mãe não constam na narrativa, mas como nas de Rachel retomaram o assunto, é possível deduzir seu conteúdo.

Depois de alguns meses de correspondência, elas se reencontraram num restaurante em Paris, onde durante três dias se veem no mesmo local. A partir

desse ponto, a estrutura do romance se modifica: há pouco espaço para a narradora, os diálogos tornam-se longos, as vozes são encenadas, assumindo uma performance teatral, o que requer muita atenção na leitura para não perder o autor da fala.

Christine e Rachel fazem uma espécie de “acerto de contas” em que relembram as mágoas passadas. Nesse momento, Rachel pôde finalmente expressar seus sentimentos pela rejeição da filha durante sua adolescência. Sua percepção sobre o relacionamento de Pierre e Christine, e quanto seu complexo de inferioridade fez com que ela se mantivesse cega sobre o que de fato ocorria.

Christine, por sua vez, buscou uma justificativa para os atos do pai, considerando o tempo histórico em que os eventos ocorreram e a lógica que o movia:

— ... Il y a une logique maman, il y a une logique dans tout ça. Il y a une logique de fer. C’est pas une petite histoire personnelle tu comprends, c’est pas une histoire privée. Non. C’est pas ça qu’on appelle la vie privée. Là c’est l’organisation de la société qui est en jeu, à travers ce qui nous est arrivé. La sélection des gens entre eux. C’est pas l’histoire d’une petite bonne femme, aveuglée et qui perd confiance, c’est pas l’histoire d’une idiote, non. C’est bien plus que ça. Car pourquoi elle perd confiance ? Tu as raison de dire que tu as été rejetée. C’est une vaste entreprise de rejet. Social, pensé, voulu. Organisé. Et admis. Par tout le monde. Toute cette histoire c’est ça. Et jusqu’à la fin. Y compris avec ce qu’il m’a fait à moi. C’est quelque chose qu’il t’a fait à toi aussi, avant tout. C’est la continuation de ce rejet. Pour humilier quelqu’un, le mieux c’est de lui faire honte, tu le sais. Et qu’est-ce qui pouvait te rendre plus honteuse que ça, que de devenir, en plus de tout le reste, alors même que tu pensais être sortie du tunnel, la mère d’une fille à qui son père fait ça ? Tu as été rejetée en raison de ton identité maman. Pas en raison de l’être humain que tu étais. Pas de qui tu étais toi. Pas de la personne que tu étais. Et ce rejet allait jusqu’à faire ça à ta fille. Ça a été jusque-là. Ça a été loin. Tout ça s’inscrivait dans une même logique. Et il a fallu que la logique soit poussée jusqu’au bout. Puisque tu as essayé de la contrer. Tu ne devais pas sortir de ton tunnel. Tu pouvais juste rêver d’en sortir. Quelqu’un comme toi devait rester dans la voie sans issue. À l’intérieur du tunnel, là où on voit rien justement. (ANGOT, 2015a, p. 114-115).

No entendimento de Angot-personagem, os motivos que levaram o pai a fazer o que fez diziam respeito não à dimensão do privado, mas a do social. Isto é, por questões de classe e identidade, Pierre se via numa posição superior; enquanto Rachel, inferior, e nisso incluía Christine. A humilhação imposta a elas seria uma forma de mantê-las no seu lugar social.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Un amour impossible*, Christine Angot trouxe para a literatura a questão do incesto, tema que mesmo hoje ainda pode ser considerado tabu. Ela o faz a partir de um gênero em que um dos critérios é que o autor trate de assuntos relacionados a sua biografia. Em vista disso, ela expõe um problema familiar, que deixa de fazer parte do privado para assumir uma dimensão social.

Nesse romance, o leitor é conduzido pelas diversas fases da vida dos personagens, em que mostra a origem de um amor impossível por serem de classes sociais distintas, em que pese a origem judaica de Rachel e o preconceito de Pierre. Este, apesar de aparentemente mostrar no início que gostava da companhia de Rachel e até desejar ter um filho com ela, não tinha a intenção de se comprometer com alguém abaixo de sua classe social. Outro amor impossível de que trata o romance é o amor filial entre pai e filha, porque, por extensão, Christine representava a sua mãe.

Por estratégias narrativas, como a inclusão das cartas de Pierre, que revelam seu individualismo; os diálogos entre os personagens; a apresentação do passado de Rachel, que já tinha sido rejeitada pelo pai judeu; o leitor é conduzido a se solidarizar com as personagens femininas. Estas, por questões sociais e identitárias, são desprezadas pelas figuras masculinas e têm de enfrentar sozinhas uma sociedade conservadora.

A violência psicológica representada na ficcionalidade é tratada de forma velada, quase como se fosse uma consequência natural num relacionamento em que as pessoas não pertencem à mesma classe, visto que é habitual que um se sintam superior devido ao gênero, à origem e às condições favoráveis de seu nascimento. A parte que reconhece a superioridade do outro releva as situações de humilhação e cala-se até não ter forças para lutar. Foi isso que aconteceu com Rachel, por isso sua passividade diante das pequenas atitudes e imposições de Pierre. Até que ele não se conscientizando de suas atitudes abusivas, considerando-se acima de qualquer moralidade, abusou da própria filha. Observa-se que no romance a palavra incesto ou referência à violência sexual não é explícita.

Christine Angot ficcionaliza uma situação familiar que ocorreu na segunda metade do século XX, no entanto, ainda hoje são muitos os casos de violência entre casal e abuso infantil que vêm à tona e estampam as manchetes das mídias sociais e impressas. Assim, é possível verificar que não se trata de um comportamento patológico datado, mas de um mal social que não foi superado, nem está circunscrito às classes baixas da sociedade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Flora Viguini do. O público e o privado em *L'inceste*, de Christine Angot. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 16., 2018, Rio de Janeiro. *Anais*, Abralic.org.br. Disponível em: [*2018_1547475924.pdf \(abralic.org.br\)](https://www.abralic.org.br/2018/1547475924.pdf). Acessado em: 18 mar. 2021.

ANGOT, Christine. *Un amour impossible*. Paris : Flammarion, 2015a.

ANGOT, Christine. *Un amour impossible*. *LibrairieMollat*. Publicado em 21 out. 2015b. Disponível em :<https://www.youtube.com/watch?v=pGhzWwoGqqA>. Acessado em 3 jun. 2019.

ANGOT, Christine. Christine Angot parle de son travail d'écriture. *La Grande Librairie*. Entrevistada por François Busnel. Publicado em 2 nov. 2015c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JSQbC5cQH-k>. Acessado em: 3 jun. 2019.

ARENDDT, Hanna. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Contexto, 2017.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DUTEURTRE, Benoît. BenoîtDuteurtre: «Christine Angot rabaisse la littérature». *Le Figaro*. Publicado em 27/03/2017 à 08:08. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/vox/culture/2017/03/27/31006-20170327ARTFIG00040-benoit-duteurtre-christine-angot-rabaisse-la-litterature.php>. Acessado em: 4 jun. 2019.

FIGUEIREDO, Eurídice. A autoficção e o romance contemporâneo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 232-246, Dec. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106x/2020223232246>. Acesso em: 1º mar. 2021. Epub Dec 14, 2020.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Civilização moderna – Século 20.

HIRIGOYEN, Marie-France. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, EdilaPizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *J. Pediatr.* (Rio J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s197-s204, nov.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 mar.2021. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700010>.

VIEIRA, Willian. Em nome do nome real: jogo literário, autocensura e defesa da autoficção. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 219-237, ago. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2019000200219&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar.2021. Epub July 29, 2019. <https://doi.org/10.1590/1517-106x/212219237>.

ZUFFEREY, Joël (org.). Qu'est-ce que l'autofiction ? In: *L'autofiction: variations génériques et discursives*. Harmattan-academia, 2012. p. 5-14. (Aucœurdestextes).

Recebido em 10/03/2022.

Aceito em 08/08/2022.